

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Universitário de Pontes e Lacerda-MT

N.º 0014459

ta 08 1 10 12007

☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MARIA VANNILZA DE OLIVEIRA

O MEIO COMO FATOR DECISIVO NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

82.0
048m
Ex.01
C9256 8911

Pontes e Lacerda/MT
2007/1

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Maria Vannilza de Oliveira

O MEIO COMO FATOR DECISIVO NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras como requisito
para obtenção do Grau de Licenciada em Letras
pela Universidade do Estado de Mato Grosso /
UNEMAT - Campus Universitário de Pontes e
Lacerda. Orientador: Professor Epaminondas
De Matos Magalhães.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho especialmente ao meu filho Juan, que tanto se privou da minha ausência durante o período de aulas.

Às minhas irmãs e irmãos, minha mãe e meu esposo Marcelo que com seu apoio incondicional, deram-me forças para prosseguir até o final desta jornada.

Às minhas amigas e colegas Miriã, Roseni, Cíntia e Maraiza, entre tantas outras, pois trocávamos experiências e apoiávamos mutuamente com amizade e coleguismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade e proporcionado condições para eu fazer esse curso e por está sempre ao meu lado e á minha família que me ajudou durante essa trajetória.

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos, no tempo e no espaço. (Machado de Assis)

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em ____ / ____ / ____

Nota: ____

Orientador: Professor Epaminondas de Matos Magalhães

Membro: Professora Walmira Sodré Austriaco de Moraes

Membro: Professor Weberson Fernandes Grizoste

RESUMO

O referido trabalho compõe-se de dois capítulos: O primeiro divide-se em três tópicos que tratam de uma abordagem teórica acerca da obra *O cortiço*, bem como de seu autor Aluísio Azevedo. O destaque da temática desse capítulo desenvolve-se em torno do Naturalismo, período no qual se insere a obra em questão enfocando as semelhanças e divergências entre Realismo e Naturalismo, apresentando as influências científica e literária que Azevedo sofreu na composição de sua obra e destacando ainda a importância da convergência da biologia e da sociologia como acontecimento científico do Século XIX.

O segundo capítulo trata de algumas reflexões acerca das bases naturalistas e de uma análise literária de *O cortiço*, um clássico da Literatura Brasileira, apresentando desde uma abordagem geral e analítica da obra até o enfoque principal deste trabalho que é mostrar como as personagens se constituem através de influências diretas, advindas do meio social que habitam, enfocando as figuras femininas que mais se destacam.

Palavras chaves: Naturalismo, aglomeração, aculturação, influência e caricaturismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
Capítulo I O SURGIMENTO DO NATURALISMO.....	10
1.1 Aluisio Azevedo e a Literatura Brasileira.....	14
1.2 Aluísio Azevedo: A concepção naturalista.....	15
1.3 A importância do Realismo e Naturalismo para a literatura brasileira.....	16
Capítulo II O CORTIÇO: ALGUMAS CONCEPÇÕES ACERCA DAS BASES NATURALISTAS.....	20
2.1 O conjunto simples e o conjunto complexo.....	25
2.2 As figuras femininas na obra <i>O cortiço</i>	28
Considerações finais.....	33
Referências Bibliográficas.....	35

INTRODUÇÃO

Tomamos por objetivo desenvolver informações de como estava configurada a sociedade brasileira em meados do Século XIX, cujo sistema de transformações pode ser claramente observado sobre a estrutura da obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, através da qual é possível traçar um perfil de como era a capital brasileira naquela época. Isso é possível por ser uma obra realista-naturalista, portanto, preocupada com a veracidade. Nesta perspectiva, procuramos neste trabalho, analisar o espaço urbano em profunda mutação naquele período, assim como a profunda transformação social cultural e humana provocada pelo determinismo do meio. Por isso, mostraremos como o autor apresenta, através de suas personagens, o homem como produto da natureza, sujeito às leis físico-químicas determinadas pelo ambiente, fatores que regem a morada coletiva que é O cortiço.

Baseado na filosofia positivista de Auguste Comte e na teoria evolucionista de Charles Darwin, o olhar da intelectualidade brasileira volta-se ao presente, e em oposição direta ao Romantismo, um novo período literário surge afirmando-se como Naturalismo, cuja representação literária baseia nos princípios do Evolucionismo e Positivismo.

Com o Naturalismo surge um narrador racional e representativo da elaboração intelectual do autor, o qual abandona sua personalidade emotiva da criação e apresenta os fatos de forma objetiva, tal qual é a realidade.

Os elementos que sustentam essa pesquisa concernem na assertiva de que Aluísio Azevedo propõe em sua obra central *O cortiço*, capturar a cena urbana de um Cortiço que serviria de metáfora de um país no qual cidadãos mestiços estariam determinados por raça e localização, ao fracasso ou ao sucesso, de acordo com as condições proporcionadas pelo meio em que se inserem.

I O SURGIMENTO DO NATURALISMO

Para o Naturalismo a obra era essencialmente uma transposição direta da realidade, como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito em face do objeto puro, registrando (teoricamente sem interferência de outro texto) as noções e impressões que iriam constituir o seu próprio texto. (CANDIDO, 1993, p.123).

Desde meados de século XVIII, consolidando-se no século XIX, temos no Romantismo, primeira corrente literária de caráter nacional, uma investigação do passado destas terras, ainda que impregnada de uma atitude eurocêntrica.

Na seqüência, encontramos uma corrente realista que abandona os derramamentos românticos, tratando de forma mais objetiva os temas abordados e não mais com preocupações de levantamento histórico. Como exacerbação dessa corrente vieram os naturalistas em busca de uma isenção total em relação à narrativa anterior e retratando uma temática urbana de forma tendente ao jornalismo científico.

O Naturalismo surgiu no Brasil como uma literatura imoral, em face dos preconceitos provincianos. Na verdade, sua ação teve caráter reformista, uma adequação do país aos padrões estéticos e ideológicos mecanicistas da Europa industrializada. Ao preconizar uma arte participante, levou a Literatura a contribuir de forma ativa para a renovação da vida brasileira. O Naturalismo não é apenas um prolongamento ou exagero do Realismo, pois tem como sustento uma teoria peculiar, de cunho científico, que nos dá uma visão materialista do homem, da sociedade e do mundo. Na Literatura, sustenta-se a tese de que a arte deve conformar-se com a natureza cósmica e humana, utilizando-se dos métodos científicos de observação e de experimentação no tratamento das ações fictícias e das personagens. (JÚNIOR e CAMPEDELLI, 1997, p. 381).

Os primeiros reparos acentuados no panorama do Naturalismo brasileiro se deram acerca de três problemas que interessaram mais de perto aos adeptos dessa corrente e suas figuras de maior expressão constituem-se pela luta contra a Igreja, a reação ao preconceito de cor e a questão sexual. Outros poderiam ser igualmente lembrados como o da exploração do homem pelo homem, na questão da expansão latifundiária, mas sem a importância daqueles, nas obras

perduráveis que assinalam em nossas letras a presença do Naturalismo. (COUTINHO, 1997, p.74).

No período em que o Naturalismo se implanta no Brasil, ainda permanecem sem solução alguns dos problemas que se haviam esboçado ou acentuado no decorrer das gerações românticas, sobretudo o da escravidão. No entanto, o tema não inspira a um só dos grandes romancistas da nova escola. (COUTINHO, 1997, p. 74).

De acordo com Lígia Cademartori (1997, p. 47), o termo “Naturalismo” centraliza o interesse à vida social, esse é o setor da realidade priorizado pelo estilo. O Naturalismo busca descrever a estrutura da sociedade contemporânea em todas as suas peculiaridades, identificando os interesses às mudanças sociais. A autora destaca que a preocupação demonstrada nas obras naturalistas em conhecer a sociedade e revelar os conflitos torna essa Literatura analítica, descrente e desmistificadora.

O Naturalismo brasileiro representou basicamente uma revolta contra o escapismo subjetivo e imaginativo que caracterizou a Escola Romântica. Os escritores do novo movimento foram influenciados pelas teorias biológicas de Darwin, pelo determinismo social de Taine e, sobretudo, pela ficção de escritores como Zola e Flaubert. Eles procuraram retratar a sociedade humana, homens e mulheres que a compõem tão fiel e objetivamente quanto a matéria de estudo científico é examinada e apresentada. (COUTINHO, 1997, p. 10).

Nesta perspectiva compreende-se que o Naturalismo surgiu para dar uma reprodução fiel e meticulosa da vida em todos os seus aspectos, pois os romances naturalistas parecem representar histórias reais ou, na melhor das hipóteses, se assemelha a um documentário, um trabalho de história ou uma experiência científica, com a mesma atenção cuidadosa para com a verdade. Cada fato, cada detalhe, é registrado sem suavidade, exagero ou descrição incidental.

A imaginação e a sensibilidade, o amor pela forma, o esforço para transmitir uma beleza idealizada e irreal já não importavam. Enredos complicados, acontecimentos catastróficos ou paixões arrebatadoras eram vistos acima de tudo como falsificações da verdade. Muitos dos personagens dos romances naturalistas são extraídos da vida cotidiana contemporânea e geralmente eles são da classe baixa, operária ou burguesa oriunda de um meio ambiente onde se cria que se podia encontrar uma verdade mais nua e autêntica. Neste sentido, Coutinho (1997, p. 73), afirma que “*o Naturalismo, com seu sentido polêmico, tenderia a ultrapassar os limites de uma simples transposição do mundo objetivo que o Realismo proporcionava*”.

Afrânio Coutinho (1997, p. 70) ainda ressalta que, cronologicamente, o Naturalismo vem

depois do Realismo e já que parece conduzir a Literatura na mesma direção geral que o Realismo, este gênero é basicamente uma extensão ou continuação do Realismo, com algumas diferenças secundárias, porém, a diferença mais saliente entre o Realismo e o Naturalismo, a maioria dos críticos enfoca a específica orientação filosófica dos naturalistas. Uma visão tradicional e amplamente aceita, portanto, o Naturalismo é essencialmente uma excrescência do Realismo infundida em um determinismo pessimista. A opinião geral é de que os naturalistas eram como os realistas na sua fidelidade para com os detalhes da vida contemporânea, mas se diferem na maneira de retratar o dia-a-dia com maior ambiente na formação do pensamento e comportamento dos indivíduos nos romances.

Este enfoque tradicional ao Naturalismo através do Realismo e do Determinismo Filosófico é historicamente justificável e tem sido útil, mas também tem dificultado tanto o estudo do movimento em geral como a análise de específicas variações nacionais do gênero tais como as produzidas em Portugal e no Brasil. Azevedo, introdutor do movimento no Brasil, teria sofrido influências de Zola e Eça muito mais em nível temático do que na linguagem, sua renovação foi grande no diálogo e exclusivamente no léxico, ainda que em sua abordagem naturalista seja visível uma tendência lusitanizante pelo emprego de arcaísmos e palavras portuguesas justificada pela origem luso-maranhense do autor. (AMORA, 1960, p.109).

As qualidades do Realismo foram acentuadas pelo Naturalismo no sentido de acrescentar uma nova concepção de vida vista a partir de um intercuro de forças mecânicas que agem sobre os indivíduos, resultando daí os atos, o caráter e o destino dos mesmos na atuação, considerando que o temperamento humano funciona através do determinismo da herança biológica e do ambiente. Sendo estes os suportes decisivos na construção da personalidade, as molas propulsoras do comportamento individual. O espírito de objetividade e a imparcialidade científica fazem com que o naturalista introduza na Literatura todos os assuntos e atividades do homem, as teorias fatalistas se complementam com o peso decisivo nas ações dos personagens, inclusive os aspectos bestiais e degradantes da vida, intensificando as potências avassaladoras do cenário, dando preferência as camadas mais baixas da sociedade. Pelo método documental, pelo uso da linguagem simples, direta, natural, coloquial, mesmo vulgar, e dos dialetos das ciências e profissões, "*o Naturalismo procura representar toda natureza, a vida que está próxima da natureza, o homem natural*". (COUTINHO, 1997, p. 13).

Na abordagem conceitual de Massaud Moisés (2001, p. 17), os realistas e naturalistas “*verdadeiramente pretendiam banir a exceção à romântica*”, no que concerne a constituição dos personagens reuniram em suas narrativas elementos patológicos para comprovar a tese de que no corpo social não havia órgãos saudáveis, uma vez que, o fatalismo condena os indivíduos a se tornarem o reflexo do cenário onde vivem apontando “*a classe monárquico-burguês-clerical como o mal interno desse corpo social, considerando-os indícios das mazelas que corroíam a sociedade*”.

O Naturalismo utiliza-se do Realismo, quando assume posição filosófica e se submete à luz de uma teoria; e os movimentos regionalistas, que põe em relevo a cor local, o papel da Terra, que é a verdadeira personagem dessa Literatura. Também no regionalismo, o Realismo com frequência se encontra com o Naturalismo. Em contato com as durezas e a melancolia da vida rural brasileira, surgiram os pessimismos, o desencanto, a desesperança, que levaram facilmente à aceitação do determinismo geográfico e da inutilidade de uma luta inglória contra forças inelutáveis e irredutíveis, portanto conduzindo à negação do livre arbítrio. (COUTINHO, 1964, p. 18).

A Literatura Brasileira evoluiu com o Romantismo para o Realismo-Naturalismo. Por volta de 1880 a transformação estava efetuada e começaram então a aparecer os primeiros frutos. É de 1881 *O mulato* e de 1890 *O cortiço*, ambos de Aluísio Azevedo. Daí avante é na linha ora do Realismo, ora do Naturalismo, que se exprime a ficção, conto ou romance. Às vezes, em escritores como Machado de Assis, que nunca se deixou levar para os exagerados tons naturalistas e que reagiu mesmo contra a fórmula de Eça de Queiroz no estudo crítico que lhe dedicou, encontraram, todavia, guarida muitos pontos de vista doutrinários e certas colocações estéticas do Naturalismo. De modo geral, porém, o Naturalismo, como escola, não durou mais que a década de 80. O que se encontra mais comumente na ficção da época são as suas impregnações aqui e ali. A convicção de um laço determinista entre a terra e a conduta humana, entre ela e o próprio destino humano que foi uma formulação brasileira da abordagem realista-naturalista ao problema das relações entre o homem e o ambiente. (COUTINHO, 1997, p. 16).

1.1 Aluísio Azevedo e a Literatura Brasileira

Fiz-me romancista, não por pendor, mas por me haver convencido da impossibilidade de seguir a minha vocação que é a pintura. Quando escrevo, pinto mentalmente. Primeiro desenho os meus personagens, depois os redijo. (AZEVEDO, 1998, p. 07).

Aluísio de Azevedo é um escritor de desníveis que legou para a Literatura Brasileira uma obra desigual, considerando-se sua totalidade: de um lado, colocam-se os folhetins, romances de discutível padrão artístico, repletos de peripécias próprias do gênero, invariavelmente pautado ao gosto de um público menos exigente e, de outro lado, romances de intensa temperatura dramática, enfocando uma estrutura social agressiva, lidando, não raro, com obras de grande valor social e literário como *O cortiço*, *Casa de Pensão* e *O mulato*. (JÚNIOR, 1999, p. 145-146).

Benjamim Abdala Júnior (1999, p. 146), ainda afirma que, em Aluísio de Azevedo, há um forte senso da Literatura como pedagogia ao lado de uma noção quase precisa do público leitor. Ele planejou sua obra segundo um modelo forjado por si mesmo, obra essa que tem como apogeu o romance *O cortiço*, espécie de grande colagem sobre a escalada social de um homem, João Romão, em detrimento de tudo quanto o rodeia: o cortiço, de sua propriedade e as pessoas que nele habitam.

Na Literatura Aluísio de Azevedo desenvolveu a técnica da pintura e do caricaturismo, pois sua primeira inclinação foi para as artes plásticas, o que se reflete na sua capacidade de “visualizar” rapidamente em suas personagens, através da escrita, seus traços mais exteriores, propensão que por um lado esquematiza suas personagens reduzindo-as a “tipos”, sem profundidade psicológica, por outro, possibilita ao autor movimentar em seus romances centenas de tipos, habilitando-o para o romance de coletividade, de multidão. (CANDIDO, 1993, p. 122).

Seguindo as lições do escritor francês Émile Zola e de Eça de Queirós, Azevedo escreve romances de tese, com clara conotação social. Demonstra nítida preocupação com as classes marginalizadas pela sociedade, criticando o conservadorismo e o clero, aliados à classe dominante. Destaque também para a defesa do ideal republicano assumida pelo autor. Em *O cortiço*, a República é proclamada em pleno decurso da narrativa, explicitando a posição do autor a respeito. E na melhor postura materialista positivista, Aluísio Azevedo valoriza

sobremaneira os instintos naturais, comparando constantemente seus personagens a animais. (MOISÉS, 2001, p. 16).

Diferentemente dos realistas, Azevedo optou por dar vida aos agrupamentos humanos, às habitações coletivas, aonde os protagonistas vão social e moralmente se degradando, por força da opressão social e econômica e dos impulsos irreprimíveis da sexualidade e dos vícios. As personagens de Azevedo em *O cortiço*, de fato são reduzidas a tipos e deformadas pelo exagero a ponto de se transformarem em verdadeiras caricaturas, característica típica do período no qual estão inseridas.

Em nenhum outro romance brasileiro tinha aparecido semelhante coexistência de todos os nossos tipos raciais, justificada na medida em que assim eram os cortiços e assim era o nosso povo, é claro que visto numa perspectiva pessimista como a dos naturalistas em geral e de Aluísio Azevedo em particular. [...] O cortiço ganha significado diferente do que tinha em Zola, pois em vez de representar apenas o modo de vida do operário, passa a representar, através dele, aspectos que definem o país todo. [...] o cortiço é o centro de convergência, o lugar por excelência, em função do qual tudo se exprime, é um ambiente, um meio físico, social e simbólico vinculado a certo modo de viver e condicionando certa mecânica das relações. (CANDIDO, 1993, p. 138).

1.2 Aluísio de Azevedo: a concepção naturalista

Meu desejo é pintar a vida, e para este fim devo pedir à Ciência que me explique o que é a vida, para que eu a fique conhecendo. (ZOLA)

Aluísio de Azevedo, influenciado pelas teorias deterministas e pelos modelos literários de Émile Zola e Eça de Queirós, desenvolveu a capacidade de dar vida aos agrupamentos humanos, às habitações coletivas, movimentando dezenas de tipos sociais degradados pela miséria, pelo vício ou pela doença. Em linguagem contundente, compôs os melhores romances naturalistas nacionais.

O Naturalismo apresenta romances experimentais preocupados em formular regras, em conseqüências de seu caráter cientificista. A influência de Darwin se faz sentir na máxima naturalista que enfatiza a natureza animal do homem, portanto no embate instinto versus razão, o homem, como todo animal, é dominado num primeiro momento pelas relações instintivas particularmente no comportamento sexual que a falsa moral burguesa não é capaz de reprimir. Os textos naturalistas acabam por tocar em temas até então proibidos, como o homossexualismo, tanto masculino quanto feminino.

Uma forte influência que o Aluísio de Azevedo viveu foi das mais profundas e vastas que atuaram na mentalidade literária brasileira do tempo: a do escritor português José Maria Eça de Queirós. A batalha do Realismo contra o Romantismo travava-se em Portugal desde 1865, com a questão Coimbrã, continuada em 1871 com as conferências do Cassino Lisboense. Num Brasil dominado pelo sentimentalismo, pelo estilo ora alambicado, ora campanudo do Romantismo e com uma vida literária ainda sem os necessários travamentos, foi enorme a repercussão que teve e um dos fatores da transformação, por aquele tempo, aqui operada. (COUTINHO, 1997, p. 15).

Eça de Queiroz abriu a Aluísio o caminho para o Naturalismo. Não sendo um naturalista ortodoxo, o romancista português proporcionava um modelo de romance que conciliava a arte e a polêmica, sem o exagero da falsa ciência à que Zola era levado na sua concepção do romance experimental. O sinal mais evidente da influência de Eça parece, por esse tempo, ter sido a disseminação da luta anticlerical, de que *O crime do padre Amaro*, com o seu sarcasmo, o seu espírito de caricatura e a veemência de seu protesto, seria uma espécie de facho na marcha da reação aos poderes da Igreja. (COUTINHO, 1997, p. 77).

1.3 A importância do Realismo e Naturalismo para a Literatura Brasileira

O Realismo e o Naturalismo são movimentos específicos do século XIX. Porquanto, antes de se concretizarem numa época histórica, eles eram categorias estéticas ou temperamentos artísticos, tendências gerais da alma humana em diversos tempos, como Classicismo e Romantismo, surgindo o Realismo sempre que se dá a união do espírito à vida, pela objetiva pintura da realidade. Ainda no século XIX, tivemos uma grande encruzilhada de correntes literárias. Um dos fatos importantes que podemos destacar no período realista e naturalista foi o entrecruzamento entre as correntes literárias que foram percebidos no Brasil de modo marcante na obra de vários escritores que iniciaram sua formação ou mesmo sua carreira literária no Romantismo e que vieram a transformarem-se em representantes do Realismo e Naturalismo, muitos sem perder a marca original. O Romantismo não havia terminado e já se faziam notar os traços do Realismo; e mesmo certos de suas vivências reforçadas, constituíram características realistas e naturalistas. (COUTINHO, 1997, p. 4 -5).

Um dos acontecimentos mais importante, da história da cultura no século XIX, Coutinho destaca a convergência da biologia e da sociologia, que derramou por toda parte, na

observação e interpretação da vida, a atitude evolucionista. A revolução biológica efetuada por Darwin, que depois reforçou a tendência histórica do espírito romântico, colocou a biologia num posto de direção do pensamento, mudando as concepções e os métodos científicos no sentido naturalista.

Afrânio Coutinho (1997, p. 18), ressalta que a estética Realista e Naturalista teve ainda outro papel importante na literatura brasileira no que diz respeito ao processo de nacionalização da língua. A evolução que vinha de longe, e que o romantismo acentuara, o Realismo consolidou. Incorporando à Literatura áreas de expressividade regionais, profissionais, populares, e a não ser em Machado de Assis que criou um estilo, e ao contrário dos mestres franceses da escrita artística mais inclinada a reproduzir a experiência real, na sua frescura imediata, sem fetichismo classicizante e mesmo com relativa indiferença formal.

Há autores que vêem o Naturalismo como um Realismo a que se acrescentam certos elementos, particularizado um estilo com identidade própria. Embora a fronteira existente entre os dois seja pouco nítida, diz-se que, enquanto o Realismo apresenta uma visão biológica, o Naturalismo tende à apresentação patológica do homem. (CADEMARTORI, 1997, p. 46).

É importante ressaltar que embora muitos afirmem que Realismo e Naturalismo são componentes de uma mesma família de espírito, o certo é que ambos os movimentos reagiram contra o Romantismo, sem embargo de receberem dele muitos de seus elementos.

Profundas mudanças ocorreram na segunda metade do século XIX, em 1850 extinguiu-se o tráfico negreiro. Desse fato decorreram duas importantes conseqüências: capitais vultosos, que saíam do país para pagar a importação dos escravos estavam agora disponíveis. Foram então, reinvestidos, geralmente em atividades urbanas, incrementando o progresso da burguesia mercantil. Após a abolição da escravatura, um novo tipo de mão-de-obra deu entrada no mercado: a do imigrante assalariado. Os negros, em geral, foram marginalizados da sociedade, pois não tinham condição de competir com o imigrante, que era qualificado profissionalmente. (JÚNIOR & CAMPEDELLI, 1999, p. 150).

Na Literatura o novo estilo inicia-se no Brasil com a publicação do romance naturalista de Aluísio Azevedo. No período realista e naturalista continuaram as reflexões sobre a individualidade da cultura brasileira. E as produções intelectuais voltaram-se para a realidade concreta do país, sem idealizações românticas. Os romances realista e naturalista constituem o segmento apreciável da obra de Aluísio Azevedo, ainda que seja um conjunto bastante

heterogêneo, com resíduos românticos, documentação realista e experimentação naturalista. Em relação à narrativa realista e naturalista, encontram-se aspectos centrais importantes no romance social como a montagem do enredo em função de pessoas, ou seja, com a fórmula que se ajusta ao talento. (JÚNIOR & CAMPEDELLI, 1999, p. 159).

Na estrutura e na evolução do gênero narrativo, também relevam o aspecto intemporal do Realismo e Naturalismo na Literatura Brasileira. O autor salienta que em qualquer texto literário existem motivações realistas, pormenores que têm a finalidade de apresentar a ficção como se fosse verdade. Do Realismo artístico, evidencia a relatividade da noção de realismo, pois a verossimilhança numa obra literária pode ser julgada a partir de várias perspectivas internas ou externas ao texto. A verdade é que da concepção clássica da arte como imitação de uma realidade, quer objetiva quer subjetiva, resta um axioma, uma verdade indiscutível, válida para qualquer escola literária. O que varia é o tipo e o grau de realismo. (JÚNIOR & CAMPEDELLI, 1999, p. 380).

Antônio Candido (1993, p.140), afirma que a narrativa naturalista é marcada pela rigorosa análise social a partir de grupos humanos marginalizados, valorizando-se o coletivo. Interessa notar que a preocupação com o coletivo já está explicitada no próprio título dos principais romances de Aluísio Azevedo: *O cortiço*, *Casa de pensão* e *O Ateneu*.

Uma das características centrais do período naturalista é romances alternados de vigor crítico e estofo cientificista, com melodramas românticos, publicados em folhetins pela imprensa e que foram, durante algum tempo, o ganha-pão do autor. Também se encontra romance social nos livros mais bem realizados, revela extraordinário poder de dar vida aos agrupamentos humanos, às habitações coletivas, aonde os protagonistas vão, socialmente e moralmente, se degradando, por força da opressão social e econômica e dos impulsos irreprimíveis da sexualidade, das taras e vícios. (CANDIDO, 1993, p. 142).

Este período literário caracteriza uma visão rigorosamente determinista do homem e da sociedade submetida às leis inexoráveis da raça, do meio e do momento. Utilizaram ainda a técnica do tipo, deformando, pelo exagero, os traços, criando verdadeiras caricaturas. Não houve preocupação em criar personagens que pudessem transcender o quadro literário no qual estavam inseridas. As personagens são psicologicamente superficiais e subsistem apenas em função de contextos predeterminados. Não há o drama moral, os protagonistas são vistos de fora, e a tragédia em que as tramas desembocam decorre apenas do fatalismo das doutrinas deterministas. (CÂNDIDO, 1993, p. 152).

O período naturalista caracteriza-se pela vitória da concepção de mundo próprio das Ciências Naturais e do pensamento racionalista e tecnológico sobre o idealismo e a tradição romântica.

A verdade psicológica das personagens baseia-se no princípio de causalidade; a criação do ambiente apóia-se no princípio de que tudo que ocorre é determinado por condições e motivos e que a correta observação depende da atenção dada aos pormenores, tal como o faz o cientista natural. (CADEMAR-TORI, 1997, p.46).

Portanto, vimos que no Naturalismo a tese principal do movimento é comprovar que o homem é um produto do meio, uma projeção do seu cenário, com o qual se confunde e do qual não consegue escapar. Essa insistência na descrição do meio, que sempre traga e tritura o indivíduo não é uma forma de desumanizar o homem. Ao contrário, os realistas e naturalistas mostraram uma nova visão do ser humano, ao mesmo tempo em que se empenharam em destruir velhas e irreais fontes de presunção, tais como as do amor romântico, a responsabilidade moral ou o heroísmo. Não podemos negar a existência de uma visão desoladora do homem e do seu mundo demonstrada na obra *O cortiço*, porém, não devemos esquecer de que, para os naturalistas, as fraquezas, o conhecimento limitado e os desejos frustrados do homem representavam e funcionavam como fontes de compaixão e de dignidade como aspectos da condição humana e que foram bem representados na sua ficção com exatidão e franqueza.

II O CORTIÇO: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DAS BASES NATURALISTAS

O cortiço realiza os pressupostos científicos do século XIX, revertidos para a série literária, através do que se convencionou chamar de Naturalismo. A partir de leituras científicas ou paracientíficas e observando obras naturalistas de autores europeus, Aluísio Azevedo fixou no livro que analisaremos alguns modelos científicos vigentes no século XIX gerados no campo da termodinâmica e da biologia.

Em, *O cortiço*, Azevedo descreve detalhadamente o cenário físico e social de uma aglomeração carioca que trabalha incessantemente e mesmo assim é miserável e, a partir da trajetória de ascensão ao poder de dois personagens, conta-se a conquista de uma podridão de comportamentos adotados por eles; a exploração de uns e dos explorados pelas convenções sociais, dentre tantos outros exemplos. É possível que a narração seja uma crítica a sociedade burguesa, pois durante o Realismo e Naturalismo o idealismo e tradicionalismo foram substituídos pelo materialismo e a razão, a Ciência passou a ser o meio da análise e compreensão da realidade.

É possível percebermos que há no texto um efeito de realidade, como se os personagens fossem de carne e osso, uma vez que, são retratados de forma não idealizada. Os fatos são narrados como se correspondessem à realidade. Há ainda, uma materialização do amor, o homem vê a mulher como um objeto de prazer, os valores patriarcais são muito fortes em *O cortiço*. O narrador faz durante o discurso uma denúncia às convenções e injustiças sociais e mostra através da arte a hipocrisia, o preconceito e a ambição dos homens.

Num estudo direcionado à obra *O cortiço*, o crítico Afonso Romano de Sant'Anna, observa que Azevedo teria praticado:

[...] em relação à série social uma narrativa contra-ideológica, apontando as falhas do sistema ao denunciar a exploração dos cortiços. [...]. Em relação à série literária, sua obra é ideológica quando cumpre à risca os preceitos naturalistas, pois trabalhou com modelos conscientes, predominantemente, realizando uma narrativa interessada no espaço real. (SANT'ANNA, 1973, p. 114).

Antônio Candido, no texto “De cortiço a cortiço” dedicado à obra de Azevedo, no qual faz uma comparação com a obra do francês Émile Zola *O germinal*, afirma que a obra de Azevedo superou a que lhe serviu de modelo, pois enquanto Zola apresenta simplesmente a vida de operários franceses, Azevedo reúne em sua obra “aspectos que definem o país todo”. (CANDIDO, 1993, p. 138).

A obra em questão é tematicamente mais variada porque Aluísio Azevedo concentrou no livro uma série de problemas e ousadias que Émile Zola, o idealizador e principal expoente do Naturalismo na literatura francesa não abordou em sua obra-prima, *O Germinal* (1885). Esta amplamente considerada a obra máxima de Zola por ter elevado a estética e a descrição naturalista a um novo patamar de realismo e crueza. O romance é minucioso ao descrever as condições de vida subhumanas de uma comunidade de trabalhadores de uma mina de carvão na França que circulavam pela classe operária européia, os mineradores retratados na obra, revoltam-se contra a opressão e organizam uma greve geral, exigindo condições de vida e trabalho mais favorável. A manifestação é reprimida e neutralizada, entretanto permanece viva a esperança de luta e conquista. Seu texto conhecido como “*O romance experimental*” é o manifesto literário do movimento e dispersou entre os vários romances da sua obra cíclica.

Na sociedade francesa a diferenciação sendo mais acentuada requeria maior especialização no tratamento literário e quase sugeria ao escritor a divisão de assuntos como núcleos de cada romance: vida política, alto comércio, comércio miúdo, bolsa, burocracia, clero, especulação imobiliária, prostituição, vida militar, lavoura, mineração, ferrovias e alcoolismo. Evidenciamos que, neste sentido, nos países pouco desenvolvidos como o Brasil, esta especialização equivaleria talvez a uma diluição nas obras, pois o romancista tenciona resolver o problema pela variação no tempo e no espaço geográfico, não na complexidade social. (CANDIDO, 1993, p. 126).

Em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo as personagens nivelam-se por baixo pela miséria e pela pobreza, agrupam-se num coletivismo tribal e identificam-se mais pelas semelhanças do que pelas diferenças. O próprio nome “cortiço” marca a sua natureza. Num cortiço, metaforicamente falando a grande quantidade de abelhas também são operárias com funções semelhantes. Excetuando-se somente a abelha rainha. Não estranha, portanto que o narrador insista numa seqüência de imagens de animais e insetos para caracterizarem esse conjunto e através de um processo de zoomorfização não se diferencia objetos, homem, animais e vegetais. É tudo um bando de machos e fêmeas, mostrando “*o prazer animal de existir [...] Há um verminar constante de formigueiro assanhado [...] No confuso rumor que se formava, destacam-*

se risos, sons de vozes que se alternavam, sem saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas". (AZEVEDO, 1998, p. 35).

Na análise que segue retomaremos algumas colocações teóricas em relação às aplicações à narrativa de Azevedo.

[...] Por ora basta assinalar introdutoriamente que a ligação desse romance com modelos situados na série científica revela o espírito simétrico de sua composição, limitando o lúdico e o aleatório. Nesse sentido, em relação à série literária, "*O cortiço*", se identifica como uma narrativa de estrutura simples compromissada com modelos exteriores ao seu texto, ainda que no enunciado sua produção o coloque de lado da contra-ideologia, uma vez que, denuncia o código social vigente, criticando o espaço da ideologia dominante. (SANT'ANNA, 1973, p. 98).

Em *O cortiço*, percebemos o quadro de miséria no qual se encontravam os negros e mulatos explorados pelo branco português. Contudo, o quadro de miséria é menos marcante uma vez, que vimos Rita dividindo comida com os demais habitantes do cortiço, apesar de ser simples lavadeira. "*Defronte da porta de Rita Baiana tinham vindo postar-se diversos moradores do cortiço, jornaleiros de baixo salário, pobre gente miserável, que mal podia matar a fome com o que ganhava*". (AZEVEDO, 1998, p. 67).

Outra característica explícita do Naturalismo muito observada em *O cortiço* é o determinismo que, de certa forma, está relacionado com Emile Zola, ou seja, o homem é como uma máquina guiada pelo meio físico e social. Nesta narrativa a força do meio é decisiva para a construção dos personagens e o narrador explicita tal característica através do personagem Jerônimo que "[...] *era perseverante, observador e dotado de certa habilidade. [...] Era homem de uma honestidade a toda prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver*". (AZEVEDO, 1998, p. 53). No entanto, após a convivência com Rita Baiana, Jerônimo se torna um homem diferente, perde o hábito de sentar-se à porta dedilhando os fados de sua terra natal "[...] *momentos em que dava plena expansão da saudade que sentia da pátria*". (AZEVEDO, 1998, p. 55).

Os primeiros sinais da transformação dão-se justamente na esfera onde naturalmente se opera a resistência, logo Jerônimo passa a rejeitar a culinária de sua terra, pergunta a Piedade, sua esposa porque não experimenta fazer "*uns pitéus à moda de cá*", (AZEVEDO, 1998, p. 87) e deixa a guitarra de lado, exceto para tentar tocar as modinhas que Rita Baiana cantava. O

abrasileiramento do português Jerônimo traduz a perspectiva naturalista de sujeição aos imperativos do ambiente, que traduz igualmente, um completo processo de assimilação. É interessante também enfatizar que os ambientes nas obras naturalistas são sempre ambientes coletivos, os aglomerados urbanos.

Percebemos que nesta busca pela identidade Aluísio Azevedo continua seguindo as linhas de José de Alencar, com o processo de aculturação e desculturação, uma vez que, a estética anterior havia sacralizado a nossa Literatura, baseados em um único quadro de referência em torno de um mito, acreditando que o índio e a natureza do país deveriam ser moldados, assim o fizeram, europeizaram através da idealização os elementos primordiais da cultura brasileira. Embora no período naturalista a dessacralização ainda não fosse realidade, o espírito literário continuava em busca da identidade nacional, ainda que, todos os indícios apontassem que para se criar uma identificação dessa nação era preciso levar em conta que o país já tinha uma identidade heterogênea, ou seja, considerar a miscigenação. Em *O cortiço* Azevedo reuniu a mistura de culturas e raças existentes no país. A fusão de raças apresentada nessa obra pode ser depreendida no contexto como se o narrador quisesse colocar todos sob o estigma do lugar, uma vez que, é o lugar, o meio que contamina a todos, na estrutura do cortiço o meio se personaliza e apresenta o dom de a tudo dominar.

Nesta obra, o português Jerônimo adere totalmente aos costumes do Brasil, ao apaixonar-se pela mestiça perde com ela, a chance de garantir o seu espaço na terra brasileira. De acordo com Antônio Candido (1993, p. 141), ele “cedeu à atração da terra, dissolveu-se nela e perdeu a possibilidade de dominá-la, como João Romão, porque deixou quebrar a relação de possuidor e coisa possuída”. Essa visão preconceituosa vinda do colonizador, a qual é perceptível em *O cortiço*, de que agir como brasileiro implica para o imigrante em ser como brasileiro, fica claramente expressa no texto a idéia de que estas transformações, sofridas por Jerônimo, são produtos de um “abrasileiramento” do personagem sob um aspecto negativo, pois o processo de desculturação sofrido pelo mesmo identifica-o como um indivíduo que foi apresentado primeiramente como “*trabalhador e honesto*” e que passou a ser “*vagabundo*” e “*alcoólatra*” somente após a convivência com a mulata. Nesse ponto percebemos que ainda perdurava entre os escritores uma visão preconceituosa de quem continuava seguindo a linha dos europeus, colocando no brasileiro a figura que degenera o imigrante, que influenciado pelo novo meio geográfico e social em que se integra, perde completamente a razão.

O abasileiramento de Jerônimo é regido quase ritualmente pela baiana, que o envolve em lendas e cantigas do Norte, dá-lhe pratos apimentados e o corpo “lavado três vezes ao dia e três vezes perfumado com ervas aromáticas”; e este é expressivamente marcado pela perda do “espírito da economia e da ordem”, da “esperança de enriquecer”. É que a sua paixão violenta é apresentada pelo romancista como consequência das “imposições mesológicas”, e Rita passa a ser “o fruto dourado e acre destes sertões americanos”. (CANDIDO, 1993, p. 142).

O sexo na obra *O cortiço*, ocupa papel primordial e é mais degradante que a ambição e a cobiça. Essa supervalorização do sexo é comum no Naturalismo, nesta corrente literária percebemos que os temas que mais interessam aos naturalistas são a miséria, o adultério, a criminalidade, o desequilíbrio psíquico e problemas ligados ao sexo.

O sexo, as brigas e as diversas outras coisas da vida ocupam papel tão forte, em, "*O cortiço*", que as personagens não reagem diante da exploração e nem chegam à percepção de defesa, percebemos isso na forma como Rita Baiana desconcerta Jerônimo, o homem fica abobado. Ela:

[...] era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta, [...] era o veneno e o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viçosa, a muriçoca doida que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos; acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra; picando-lhe as artérias [...]. (AZEVEDO, 1993, p. 73).

O foco narrativo da obra *O cortiço*, está centrado na terceira pessoa do singular, dando desta forma total imparcialidade ao narrador. A onisciência delegada a este, possibilita-o descrever os anseios e decepções dos personagens situando-o fora do mundo narrado ou descrito. Há um total distanciamento entre o narrador e o mundo ficcional, predominando o discurso indireto livre o que permite ao narrador revelar o pensamento dos personagens através de uma visão fatalista, pois as camadas populares são vistas como animais condenados ao meio social que habitam como se o homem estivesse fadado a viver como animal selvagem e assim vão descrevendo toda sujeira, podridão e promiscuidade com uma intenção crítica de mostrar a miséria do proletariado urbano sem esconder a náusea que sente diante da realidade que revela, com uma linguagem detalhista popular, objetiva, direta sem rodeios com palavras de baixo escalão, insinuantes, retratando a vida cotidiana do cortiço. “Sou negra, sim, mas

tenho sentimentos! Quem me comeu a carne tem de roer-me os ossos!”. (AZEVEDO, 1998, p. 195).

O narrador de *O cortiço* não usa ironias, sua linguagem é direta adequada aos cânones formais do Realismo e Naturalismo que pregava a descrição fotográfica e científica da realidade a partir dos princípios das Ciências Naturais. Azevedo apresenta em sua obra os costumes sociais e uma crítica dos costumes morais de sua época como, por exemplo, o papel do negro na ordem social que se ocupava do desprezado trabalho braçal.

O espaço do cortiço tem fundamental importância na obra homônima, não tendo presença meramente ilustrativa, ele está indissoluvelmente atado à situação e à temática, pois à medida que João Romão vai ascendendo social e economicamente, seu cortiço sofre um processo de transformação até chegar Avenida São Romão. O outro cortiço, o Cabeça de Gato, se torna refúgio dos excluídos. Repetem-se nos dois cortiços as linhas de ascensão e decadência que marcam a trajetória de Romão e Jerônimo, respectivamente.

O cortiço é a representação do Brasil urbano da época que ainda hoje continua apresentando os mesmos problemas, no qual convivem grupos extremamente heterogêneos, com uma grande parcela marginalizada. Temos os escravistas e capitalistas – João Romão, Miranda, brancos livres – Alexandre, Pombinha, mulatos – Rita Baiana e Firmo, operários negros – Bertoleza, imigrantes europeus – Jerônimo, Piedade, viscondes e duques, formando uma verdadeira “salada social nos trópicos”, que seria a base do Brasil moderno capitalista do século XX e as raízes de nossa cultura. O grande personagem desta obra é o cortiço enquanto espaço que domina e determina a vida de seus ocupantes. *Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas [...]* Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo (AZEVEDO, 1998, p. 35).

2.1 O conjunto simples e o conjunto complexo

No cortiço localizam-se dois grandes conjuntos: o primeiro conjunto é representado pelos cortiços: São Romão e Cabeça de Gato e o segundo conjunto a casa de Miranda, que se definem como conjunto simples e conjunto complexo respectivamente, mantendo entre si um restrito e controlado regime de trocas.

O primeiro conjunto, os cortiços de João Romão e o Cabeça de Gato definem-se por sua composição elementar. Seus elementos têm uma constituição primária e estão no nível da natureza e do instinto, João Romão aspira à riqueza e não mede esforços para realizar seu desejo, ao passo que, os miseráveis que o rodeiam trabalham apenas para suprir suas necessidades mais primárias caracterizando-os como um conjunto de animais, movidos pelo instinto e pela fome. Já no segundo conjunto a casa de Miranda, cujo proprietário já rico, deseja a nobreza, ainda que, para conquistá-la tivesse que passar por cima do próprio orgulho, ou seja, suportar a esposa Estela que lhe era infiel para garantir o dote que o tornara dono de uma loja de Fazendas (tecidos) por atacado. Neste conjunto há a vigência de certas regras mais definidas culturalmente.

Existe entre os elementos dos dois conjuntos uma coexistência baseada num maleável regime de trocas, que indica a predominância de outros interesses que não o puramente instintivo, uma força existente entre os dois conjuntos se entrelaçam e repercutem uma sobre a outra, possivelmente a inveja que ambos os representantes dos conjuntos sentem um pelo outro, pois Miranda invejava João Romão: *“Tinha inveja do outro, daquele português que fizera fortuna, sem precisar roer nenhum chifre; daquele outro que, para ser mais rico três vezes do que ele, não teve de casar com a filha do patrão”*. (AZEVEDO, 1998, p.27). João Romão por sua vez, almejava o título de Visconde, *“Sim, sim, Visconde! Por que não? E mais tarde com certeza, Conde! [...] nunca dissera a ninguém, mais sustentava para si nos últimos anos o firme propósito de fazer-se um titular mais graduado que o Miranda”*. (AZEVEDO, 1998, p. 188).

Portanto, ainda que correndo o risco de simplificar a questão se poderia dizer que o primeiro conjunto está ao lado da Natureza e o segundo conjunto está ao lado da Cultura. Toda a movimentação de Romão, por exemplo, é para sair do solo puramente biológico e instintivo em que se agita o cortiço e entrar numa organização social regida por um sistema jurídico e político representativo da Cultura.

O conjunto simples nivela-se a vários sentidos, porque a sua dominante é a horizontalidade. De um ponto de vista racial sua grande maioria é de pretos e mestiços e os elementos de outras raças, que para lá vão, acabam por se comportar como a maioria. De um ponto de vista social todos são empregados e assalariados, vivendo de pequenos misteres sendo, portanto economicamente dependentes do regime imposto pelos elementos do segundo conjunto.

Ambos os conjuntos estão sujeitos a um sistema de transformações. Estas ocorrem num sentido ascendente e descendente conforme os elementos se identifiquem com as leis da evolução e de entropia de seu universo.

Todo esse sistema de transformações é exemplificado por personagens protótipos, que são reduplicados em uma série de outros personagens secundários. Como uma célula que se multiplica por meios e a narrativa vai se reduplicando simetricamente na realização de modelos inspirados na série científica.

Como uma narrativa centrada em modelos conscientes e interessada ideologicamente em defender uma tese determinada, O cortiço, reduplica numa série de quadros seus modelos principais. Por exemplo, o modelo da evolução e da entropia exemplifica-se agora no confronto entre os dois cortiços do conjunto simples: São Romão e Cabeça de Gato. O cortiço São Romão foi apelidado de Carapicus e Cabeça de Gato era outro cortiço que se formara ao lado do de João Romão, o qual abrigou Firmo (amante de Rita Baiana) após a briga com Jerônimo pelo amor da mulata e pelo mesmo motivo tornou-se inimigo do cortiço vizinho.

O cortiço guarda características de uma sociedade primitiva realizando em sua interação todos os quesitos de uma sociedade fechada. Como tal tinha suas regras próprias excluindo-se e opondo-se aos outros conjuntos da sociedade.

Exemplo disto é como reação diante da lei ao aparecimento da polícia, organizavam-se contra o estranho invasor como se fosse uma só comunidade, fato que observamos no episódio da luta de Jerônimo/Firmo e a chegada da polícia.

João Romão atravessou o pátio, como um general em perigo, gritando a todos: Não entra a polícia! Não deixa entrar! Agüenta! Agüenta! – Não então! Não entra! Repercutiu a multidão em coro [...] “Um empenho coletivo os agitava agora, todos, numa sólida riedade briosa, como se ficassem desonrados para sempre se a polícia entrasse ali pela primeira vez”. (AZEVEDO, 1998, p.113).

Comparando esses cortiços ao primitivismo, importa ressaltar as características tribais de ambos. O narrador tenta dar uma certa dignidade às lutas entre os dois cortiços convertendo a briga numa batalha e numa guerra de uma tribo contra outra. Procura-se uma nobreza para os contendores. Trazem símbolos clássicos de guerreiros. Estamos entre um torneio medieval e uma festa tribal. Agrupam-se totemicamente, tomando como símbolos animais que sintetizam as características de ambos: Carapicus (peixe) - Cabeça de gato (gato).

O narrador é explícito coincidindo o enunciado e a enunciação de sua estória: *“Em meio ao pátio do Cabeça de Gato arvora-se uma bandeira amarela: os Carapicus responderam logo levando um pavilhão vermelho. E as duas cores olhavam-se responderam no ar como um desafio de guerra”*. (AZEVEDO, 1998, p. 132).

Definidos ototemicamente com suas bandeiras os grupos se aproximaram com suas armas (navalhas) e com suas músicas (danças dos capoeiras) e tem início o torneio, que culmina com o incêndio desencadeado pela Bruxa – sempre envolvida com o fogo. E para explicar a gênese do confronto, surge o narrador reafirmando a ideologia naturalista e servindo-se dos modelos da série científica: *“E, no entanto, o sol único causador de tudo aquilo, desaparecia de todo nos limbos do horizonte, crepúsculo, que é saudade da terra quando ele se ausenta, levando consigo a alegria da luz e do calor”*. (AZEVEDO, 1998, p. 164).

Assinalada a rivalidade nos símbolos totêmicos, ela se confirma ora na cor da paixão, bandeira vermelha dos Carapicus e ora na cor amarela da bandeira do conjunto Cabeça de Gato, uma das cores da bandeira nacional brasileira. A bandeira vermelha pode estar simbolizando a união de brasileiros e portugueses que residiam no conjunto São Romão e se reuniram contra o Cabeça de Gato e venceram a bandeira amarela que possivelmente pode estar representando o ouro, riqueza, pois O cortiço São Romão que havia sido destruído com o incêndio que acontecera durante a luta com o seu rival, fora logo reconstruído, graças ao seguro. Este garantiu a nova aparência do cortiço de João Romão que ascendeu com isso, mais e mais na escala social.

2.2 As figuras femininas na obra “O cortiço”

O cortiço é um romance naturalista que consegue levar a cabo os seus objetivos de concretizar uma relação convincente entre sua forma (a combinação específica do cotidiano e do sensacional) e a sua temática atenção para o que é significativo para o indivíduo e a realidade que determina o seu destino e muitas vezes o oprime a ponto de destruí-lo. Em, *O cortiço*, Azevedo deseja demonstrar a destruição trágica do mundo cotidiano e inocente através de vários personagens. No caso de Pombinha, este mundo é destruído pela violência e licenciosidade inerente em todos os aspectos da vida que a cerca, tal fato é perceptível na reação da mesma quando Léonie inicia a tentativa de despertá-la para o sexo *“A menina*

voltara a si e torcera-se logo em sentido contrário à adversária, cingindo-se rente aos travesseiros e abafando o seu pranto, envergonhada e corrida". (AZEVEDO, 1998, p. 120).

A posição da mulher na estética naturalista é bem diversa daquela na estética romântica. Descrita mais objetivamente, enraizada na realidade, ela surge sem as idealizações e falseamentos. Nessa narrativa de Azevedo, a mulher é descrita principalmente como fêmea, que se acasala com o macho por interesses físicos e materiais. Três tipos diferentes de mulheres são possivelmente observados na obra de Azevedo: A mulher objeto; a mulher sujeito-objeto e a mulher sujeito.

A Mulher-objeto – exemplifica-se inicialmente em Bertoleza, escrava fujona que é apresentada como elemento feminino que se associa ao masculino (João Romão) para criação do cortiço. Macho e fêmea trabalham dia e noite e quanto mais o tempo passa, mais o macho se afasta da fêmea, uma vez que, ela era peça fundamental apenas no princípio da carreira de Romão: *"à medida, que ele galgava posição social à desgraçada descia mais e mais, fazia-se mais escrava e rasteira"*, (AZEVEDO, 1998, p.134), ou seja, João Romão só pensava em seus próprios interesses em levar vantagem nos negócios que realizava e nenhuma importância dava a quem ia ser prejudicado.

A Mulher sujeito-objeto – estabelece-se na relação de Estela com Miranda que embora sendo casados, não se relacionam como tal, pois Miranda não abre mão do dote que Estela trouxera, o qual garantia a sua casa comercial, mesmo sabendo da traição da esposa e por isso, odiando-a, nos momentos em que sentia desejos carnavais, os satisfaziam com a esposa que inicialmente não demonstra o mesmo interesse, mas com o passar do tempo acaba cedendo e deixando também transparecer que o aceita pelo mesmo motivo que Miranda a procura, ou seja, pelo desejo carnal. Neste regime de trocas, os dois se colocam em nível de igualdade. Ambos se beneficiam. Essa relação ajusta o regime de trocas sexuais que são a contrapartida das trocas econômicas e sociais. A dupla Rita Baiana e Jerônimo exemplificam o mesmo regime de trocas. O narrador vem ao nível do enunciado para dizer que entre eles se cumpria o ritual da atração racial. Rita é metonímia da natureza tropical enquanto Jerônimo é o símbolo daquilo que o narrador chama de "Raça superior", *"mas desde que Jerônimo pretendeu para ela fascinando-a com sua tranqüila seriedade de animal bom, forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior"*. (AZEVEDO, 1998, p.151).

A Mulher-sujeito – é interpretada pelas personagens Léonie, Pombinha e Senhorinha e a partir dos valores ideológicos da comunidade descrita, elas se nivelam ao personagem masculino João Romão e conseguem se impor e se afirmarem enquanto indivíduos dentro dos padrões vigentes na sociedade, essas mulheres também se destacam na dependência contínua ao macho e passam a exercer o poder através do sexo-luxúria. Como Romão, elas extrapolam de seu conjunto original e se realizam no conjunto complexo. Quando o narrador apresenta a prostituta Léonie, descreve também a independência financeira que aqueles que têm vida honesta não conseguem alcançar, “*Léonie com suas roupas de cocote à francesa, levantava rumor, o seu vestido de seda cor de aço [...] mostrando uns sapatinhos à moda com um salto de quatro dedos de altura; as luvas de vinte botões que lhe chegavam até os sovacos*”. (Azevedo, 19968, p. 95). Para os moradores do cortiço, o fato de Léonie vender seu corpo não era considerado crime, pois não conheciam as “cínicas” restrições da burguesia brasileira.

Pombinha era uma garota de 18 anos que ainda não havia se tornado mulher após ter a sexualidade atizada por Léonie, atinge a puberdade e se casa. Léonie põe em funcionamento uma dinâmica de acontecimentos que passam a independe da vontade dos personagens. Pois Pombinha possuía um desenvolvimento intelectual maior que a maioria dos personagens do cortiço e não conseguiu se adaptar com a falta de liberdade após o casamento, separa-se e em pouco tempo segue num relacionamento homossexual com Léonie e acaba aprendendo o seu ofício. Enquanto os moradores do cortiço são escravos de seus impulsos, ironicamente, a comercialização do sexo protagonizada por Léonie e Pombinha se contrapõem à vulgarização do mesmo, as duas se tornam mais senhoras de si através do desejo alheio. Nesse quadro, Senhorinha, a filha de Jerônimo e Piedade se insere para mostrar que ninguém foge ao meio, tendo sido criada no cortiço, substituindo Pombinha para seus moradores segue o mesmo destino da mesma, apesar da educação que teve.

As prostitutas Léonie, Pombinha e a filha do português Jerônimo vão dando prosseguimento com suas existências, a uma cadeia de exploração e misérias.

Léonie como protótipo da mulher do cortiço que saiu para a prostituição de elite, mantém trânsito livre entre um conjunto e outro. Ela pode desfilas com os amantes pelas ruas e teatros com a mesma leveza com que regressa ao cortiço para ver sua afilhada. Sua ascensão social permite-lhe o trânsito. O modelo de Léonie repete-se em Pombinha, que é por ela seduzida deixando de lado seu aspecto angelical para assumir a imagem da serpente, que o

narrador maneja para classificar o vigor do instinto e a ameaça sexual. Repete-se em termos onomásticos o determinismo: a Pombinha vai ser devorada pela leoa através da iniciação homossexual: “*A serpente vencia afinal: Pombinha foi, pelo próprio pé, atraída, meter-se-lhe na boca*”. (AZEVEDO, 1998, p. 200). Pombinha, enfim, “desfere o vôo”.

Tal modelo se repete com a filha de Jerônimo e Piedade atraída por Pombinha: “a cadeia continuava e continuaria interminavelmente: o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria”. (AZEVEDO, 1998, p. 201).

Podemos destacar ainda que malgrado essas diferenciações, quanto ao papel da mulher existe uma constante a destacar: a estética naturalista em Azevedo acentua a supremacia do feminino sobre o masculino, da fêmea sobre o macho em proporções como: soberania, escravidão – feminina X masculina. Os homens segundo a versão de Léonie, existem para “servir ao feminino” enquanto as mulheres são “rainhas”, senhoras num “império” onde homens são “escravos”.

Julgava-se senhor e que, no entanto fora posto no mundo simplesmente para servir ao feminino; escravo ridículo que, para gozar um pouco, precisava tirar da sua mesma ilusão a substância do seu gozo; ao passo que a mulher, a senhora, a dona dele, ia tranqüilamente desfrutando o seu império, endeusada e querida. (AZEVEDO, 1998, p. 129).

Neste sentido, o narrador descreve as cenas que apresentam a constituição da personagem Pombinha. A cocotte francesa, o termo refere-se a Léonie que protege Pombinha e se interessa pelo seu casamento, no entanto, acaba iniciando-a no homossexualismo feminino. “– *Vem cá, minha flor!... disse lhe puxando-a contra si [...]. E devorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina*”, porém, é justamente esse ato desnatural que, ao contrário do desabrochar espontâneo, provoca finalmente os sinais de maturidade sexual, “... *arrancou-lhe a última vestimenta, e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo, a empolgar-lhe com os lábios o róseo bico do peito*” (AZEVEDO, 1998, p.119). Depois que Pombinha tornou-se prostituta, ela própria, retoma com a filha abandonada de Jerônimo o tipo de proteção depravada que recebera da francesa.

Azevedo retrata Pombinha, a jovem prostituta do cortiço como uma pobre menina que é arrastada à licenciosidade e prostituição contra a sua vontade. Antes de se tornar prostituta Pombinha é descrita por Azevedo como “*a flor do cortiço [...] quem a encontrasse à missa na*

igreja de São João Batista, não seria capaz de desconfiar que ela morasse em cortiço". (AZEVEDO, 1998, p. 40).

Em vez de terminar destruída por um meio ambiente hostil como seria de se esperar num romance naturalista típico, Pombinha emerge vitoriosa da sua luta contra as forças que ameaçavam aniquilá-la, e consegue atingir, em termos relativos, um razoável nível de sucesso. A última imagem que temos dela é bastante reveladora: *"Agora as duas cocottes (Pombinha e Léonie) dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro. Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra"*. (AZEVEDO, 1998, p. 201).

Enfim podemos dizer que Aluísio Azevedo apresentou através da obra "O cortiço" a figura que representa mais que o coletivo. O conjunto representa o país inteiro como se o Brasil fosse um cortiço, um micro (objeto personificado) representando um macro (Brasil), uma vez que, o texto faz referência ao surgimento das favelas no Rio de Janeiro, causado pelo êxodo rural, que fez com a população deixasse a vida no campo e partissem para a cidade, muitos sem condições de moradia e a partir daí formaram-se os cortiços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso literário de Aluísio Azevedo na obra *O cortiço*, está repleto de expressividade, não somente nos nomes das personagens, mas também nos trajetos corporais das mesmas, o autor expõe suas personagens ao leitor com grande carga de elementos que caracterizam os costumes, a moda e interdição da época, assim como a linguagem usada pelo autor, a qual oferece descrições com valor pictórico. O predomínio da observação das instituições humanas da época prevalece, porém sujeita às características naturalista, justificada pelo espírito da época, que era o culto ao positivismo, ou seja, da ciência e do progresso que concebia o determinismo psicológico.

O cortiço enquanto estrutura agregava uma multidão, todos os cômodos estavam sempre locados pelos mais variados tipos de pessoas, pobres, lavadeiras, operários de todas as profissões, pessoas que por sorte ou não, não tinham como manter um nível mais elevado. Vimos que o autor não fixa-nos nesses personagens, mas sim como eles vivem em função do meio e podem ser modificada pelo mesmo, comportamentos que dentre os mais variados é observável na figura de Pombinha, menina pura que vivia no cortiço, mas que por estar em um ambiente um pouco degradante, em pouco tempo casa e separa-se, passando posteriormente a viver com Léonie, uma prostituta que antes de Pombinha casar havia levado a menina a cometer atos de lesbianismo.

Finalmente, podemos perceber que Aluísio Azevedo de fato não escrevia, pintava a sociedade da época, que na verdade, não foge muito da nossa realidade, as pessoas continuam querendo mais e mais poder e dinheiro, pensando em si próprias, enquanto milhões de pessoas vivem marginalizadas em favelas, nas ruas ou em condições subumanas. Por isso, Aluísio Azevedo é considerado um escritor universal e pela grandeza dessa obra, seu romance é atemporal, isto é, sempre atual e de suma importância para entendermos o que de fato a sociedade estava enfrentando na época em que foi escrita.

A leitura de, *O cortiço*, pode nos transportar para uma reflexão acerca da situação degradante que por ora vivemos e nem sequer percebemos, pois ainda permanecemos alienados. Esta obra traz a tona o que os livros de história, os meios de comunicação e os políticos não nos mostram, ou seja, que ainda estamos longe de ser uma sociedade ideal. O seu

estudo é indispensável na área das ciências humanas, pois a sua temática não aborda apenas um tema social qualquer, uma vez que representa de forma crítica e analítica a vida social brasileira de uma época cujo sistema político econômico não evoluiu e continua apresentando os mesmos problemas anteriores a Modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1960.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

CANDIDO, Antonio. *De cortiço a cortiço*. In: O discurso e a cidade. São Paulo: Duas Cidades 1993.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade. Estudos de Teoria e Historia Literária*. 8ª Ed. São Paulo: TA. Queiroz, 2003.

COUTINHO, Afrânio. Co-direção Eduardo de faria Coutinho. *A Literatura no Brasil*. 4ª Ed. São Paulo: Global, 1997.

FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas para o Trabalho Científico: elaboração e formatação*. Porto Alegre: Dáctilo-Plus, 2006.

JUNIOR, Benjamim Abdala, CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos de Literatura Brasileira*. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática. Série Princípios, 1997.

LIMA, José Leonildo e SILVA, Teresa de Passos da. *Roteiro para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos e Monografia*. Editora Unemat. Cáceres: 2005.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. Realismo e Simbolismo. Volume II, São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

SANT' ANNA, Affonso Romano. *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1973.